

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E
CLÍNICA

**RELATÓRIO DE ESTAGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA-ESTUDO DE CASO.**

VALNEIDE DOS REIS LIMA

ALEXÂNIA-GO
2010

VALNEIDE DOS REIS LIMA

**RELATÓRIO DE ESTAGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA-ESTUDO DE CASO.**

Estudo de caso apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis, para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

ALEXÂNIA-GO
2010

VALNEIDE DOS REIS LIMA

**RELATÓRIO DE ESTAGIO SUPERVISIONADO EM
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA.
ESTUDO DE CASO.**

TCC apresentado á coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para aprovação no curso.

Anápolis-Go, 02 de outubro de 2010.

APROVADA EM: ___ / ___ / ___ NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. MS.Sueli de Paula
Orientadora

MS. Maria Inácia
Convidada

MS. Antonio Fernandes dos Anjos
Convidado

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, porque ele é quem garante vida e saúde para que seja possível alcançar os objetivos;

À minha família que me apóia sempre que preciso pessoas imprescindíveis que tornam os obstáculos mais facilmente transponíveis;

Aos professores pelo desprendimento com que nos auxiliaram durante todo o curso, em especial a orientadora Sueli que com muita paciência e dedicação tornou possível a conclusão deste trabalho.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	07
2. DIAGNÓSTICO PSICOPDAGÓGICO CLÍNICO	09
2.1. Instrumentos Utilizados	
2.1.1. Anamnese	
2.1.2. Entrevista com cliente	
2.1.3. Provas do Diagnóstico Operatório	
2.1.3.1 Provas de seriação com dez palitos graduados	10
2.1.3.3. Provas de conservação	
2.1.3.2. Provas de classificação	
2.1.4 Provas Projetivas Psicopedagógicas	11
2.1.4.1 Eu e meus companheiros	
2.1.4.2 Família educativa	12
2.1.4.3. Par Educativo	
2.1.5. Provas Pedagógicas	
2.1.5.1. Provas pedagógicas língua portuguesa	
2.1.5.2. Provas pedagógicas matemática	
2.1.6. Entrevista com a professora	
2.1.7. Observação do material escolar	13
2.1.8. Hora do jogo	
2.1.9. Atividades Lúdicas	14
2.1.10. Jogos de regras	
2.2. Análise Dos Instrumentos Utilizados	
2.2.1. Anamnese	
2.2.2. Entrevista com o cliente	17
2.2.3. Provas do Diagnóstico Operatório	19
2.2.3.1 Prova de seriação	
2.2.3.2 Prova de classificação	20
2.2.3.2.1. Intersecção de Classe	21
2.2.3.2.2. Inclusão de Classe	
2.2.3.3. Prova de Conservação	
2.2.3.3.1 Pequenos Conjuntos Discretos de Elementos	
2.2.3.3.2 Conservação da Quantidade de Matéria	22
2.2.3.3.3 Conservação da Composição da Quantidade de Líquido	
2.2.4 Provas Projetivas Psicopedagógicas	
2.2.4.1 Eu e Meus companheiros	
2.2.4.2 Família Educativa	
2.2.4.3 Par Educativo	23
2.2.5 Provas Pedagógicas	24
2.2.5.1 Língua Portuguesa	
2.2.5.2. Provas pedagógicas matemáticas	25
2.2.6. Entrevista com a professora	
2.2.7. Observação do material escolar	26
2.2.8. Hora do jogo	
2.2.9. Atividade lúdica	27
2.2.10. Jogos de regras	
2.3. Hipótese Diagnóstica	28
3. SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS	29
3.1 Sugestões para a família	30

3.2 Sugestões para a escola	
4. CONCLUSÃO	31
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32
6. ANEXO	33
ANEXO 1	33
ANEXO 2	40
ANEXO 3	42
ANEXO 4	50
ANEXO 5	53
ANEXO 6	60
ANEXO 7	62
ANEXO 8	65
ANEXO 9	67

1. APRESENTAÇÃO

O presente relatório tem como origem o estágio supervisionado em Psicopedagogia Clínica, que teve como objetivo o diagnóstico Psicopedagógico Clínico de uma criança.

A Psicopedagoga Clínica, segundo Bossa, (2008.p.67):

Procura compreender de forma global e integrada os processos cognitivos, emocionais, culturais, orgânicos e pedagógicos que interferem na aprendizagem, a fim de possibilitar situações que resgatem o prazer de aprender em sua totalidade, incluindo a promoção da integração entre pais, professores, orientadores educacionais e demais especialistas que transitam no universo educacional do aluno.

Na relação com o aluno, o psicopedagogo estabelece uma investigação cuidadosa, que permite levantar uma série de hipóteses indicadoras das estratégias capazes de criar a situação terapêutica que facilite uma vinculação satisfatória mais adequada para a aprendizagem. Ao lado deste aspecto mais técnico, o psicopedagogo também trabalha a postura, a disponibilidade e a reação com a aprendizagem, a fim de que o aluno torne-se o agente de seu processo, aproprie-se do seu saber, alcançando autonomia e independência para construir seu conhecimento e exercitar-se na tarefa de uma correta autovalorização.

Para Fichtner (1997 p. 355):

“A Psicopedagogia é uma área nova de conhecimento que busca uma compreensão mais integrada do fenômeno da aprendizagem humana”. É área que procura dar conta de todas as interfaces que, de forma dialética, estão presentes no momento em que ocorre a aprendizagem. Essa área de conhecimento surgiu a partir das contribuições mútuas entre a pedagogia, a psicologia, a lingüística, e neurologia e outras áreas afins.

A psicopedagogia busca uma compreensão mais global do fenômeno da aprendizagem humana. A sua prática se desenvolve no nível da prevenção de problemas escolares, na terapia de distúrbios de aprendizagem e na pesquisa psicopedagógica, e o psicopedagogo tem um caráter interdisciplinar podendo atuar tanto na Psicopedagogia Institucional quanto na Psicopedagogia Clínica.

Segundo Bossa (2007 p.66) “Entende-se como atendimento psicopedagógico clínico a investigação para que se compreenda o significado, a causa e a modalidade de aprendizagem do sujeito, com o intuito de sanar suas dificuldades”.

Durante o estágio que foi realizado no período de junho a setembro, foram realizadas 10 (dez) sessões de diagnóstico, onde foi atendido o menino Ri, do sexo masculino com 7anos de idade e cursando o 2º ano do Ensino Fundamental. Esse paciente foi indicado para o diagnóstico psicopedagógico com a queixa familiar “impaciente, não aprende ler e nem escrever” feita pela mãe e com a queixa escolar “dificuldade de aprendizagem e comportamento” feita pela professora.

Segundo Weiss (2008 p. 49) “*Se a queixa aponta para a dificuldade de mostrar, de revelar o conhecimento já adquirido, esse entrave pode estar ligado à história do paciente e de sua família ou relacionado a situação escolares definidas*”.

Em síntese, conforme Paín (1985,p.24) :

As condições externas da aprendizagem são desprezadas freqüentemente apresentar um déficit real do meio devido à confusão dos estímulos, à falta de ritmo ou à velocidade com que são brincados ou à pobreza ou à carência dos mesmos e, em seu tratamento, vê-se rapidamente favorecida mediante um material discriminado com clareza. As condições internas da aprendizagem fazem referências a três planos estreitamente inter-relacionados. O primeiro plano é o corpo como infra-estruturas neurofisiológica ou organismo, cuja integridade anátomo-funcional garante a conservação dos esquemas e de suas coordenações, assim como também a dinâmica da sua disponibilidade na situação presente. As condições do mesmo, sejam constitucionais, herdadas ou adquiridas, favorecem ou atrasam os processos cognitivos e, em especial, os de aprendizagem.

O segundo plano refere-se à condição cognitiva da aprendizagem, isto é, à presença de estruturas capazes de organizar os estímulos do conhecimento.

Entretanto, ainda no plano interno, podemos situar-nos em uma perspectiva na qual a aprendizagem não é explicada por meio da agudização dos métodos de observação dos comportamentos que a supõem, e sim pela construção de um esquema suficiente e sistemático que inclua a aprendizagem como variável.

O Diagnóstico Psicopedagógico foi desenvolvido com avaliações com diferentes instrumentos: anamnese, entrevista com cliente, provas do diagnóstico operatório, provas de classificação, provas de mudança de critério ou dicotomia, intersecção de classe, prova de conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos, de conservação da quantidade de líquido, conservação da quantidade de matéria, conservação de composição da quantidade de líquido, provas projetivas psicopedagógicas, eu e meus companheiros, família educativa, par educativo, provas pedagógicas Língua Portuguesa, Matemática, entrevista com a professora, observação do material escolar, hora do jogo, atividades lúdicas e jogos de regras.

2. DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO CLÍNICO

2.1. Instrumentos Utilizados

2.1.1. Anamnese:

Segundo Weiss (2008 p.63):

É uma entrevista realizada com o pai, mãe ou responsável do cliente. É ela que possibilita a integração das dimensões de passado, presente e futuro do paciente. Tem como objetivo colher dados significativos sobre a história de vida do paciente.

2.1.2. Entrevista com cliente:

Conforme Visca (1995 p.72):

Em todo momento, a intenção é permitir ao sujeito construir a entrevista de maneira espontânea, porém dirigida de forma experimental. Interesse observar seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismos de defesa, ansiedade, áreas de expressão da conduta, níveis de operatividade, mobilidade horizontal e vertical.

2.1.3. Provas do diagnóstico operatório:

Para MacDonell,(1979,p.4):

O conjunto de provas têm servido para rastrear na criança as noções que são objeto de estudo da epistemologia (tais como noção de tempo, espaço, conservação, causalidade, número, etc.) que tem tentado dar conta do nascimento da inteligência e do desenvolvimento das operações intelectuais.

As provas utilizadas foram:

2.1.3.1 Provas de seriação com dez palitos graduados:

É uma variante da técnica original. Nos incluímos um décimo primeiro elemento para intercalar, como uma atividade complementar. Bem sabemos que a construção de uma serie é mais fácil que a inserção de um novo elemento e também nos é conhecido que a possibilidade de intercalar um elemento é um conduta que é atingida sem dificuldade quando se possui um esquema operatório. (MAC DONELL, 1979 .p.5)

2.1.3.2. Provas de classificação:

De acordo com Mac Donell (1979, p.5):

Indagam o domínio da criança a respeito desta noção. As 3 provas repousam sobre uma estrutura afim (coordenação da compreensão e extensão das classes e manejo das relações de inclusão) ainda que se refiram a diversos conteúdos.

- **Prova de mudança de critério ou dicotomia:**

Esta técnica é uma variação do conhecimento. A prova de dicotomia, por seu grau de simplificação, permite à criança uma melhor compreensão das consignas e facilita a operação com as fichas; além de possibilitar ao experimentador uma economia de tempo e um rápido entendimento evolutivo das condutas do sujeito.

- **Intersecção de classes ou quantificação da inclusão de classes:**

Nesta prova se investiga, através de perguntas referentes à intersecção e inclusão de conjuntos que se apresentam o grau de operatividade a respeito das relações lógicas no manejo das classes.

2.1.3.3. Provas de conservação:

A conservação é o equivalente comportamental da igualdade lógica e permite assumir a identidade de um objeto ou da importância do mesmo apesar das transformações a que seja submetido e que não comprometam a integridade ou quantidade em questão. As noções de conservação são de um interesse psicológico incontestável porque mostram claramente as invariáveis quantitativas é precisamente que se trata de detectar nestas provas referidas a distintos conteúdos que, como se sabe, devido às normais defasagens na evolução do pensamento, não são adquiri o momento do desenvolvimento. (MAC DONELL 1979 p.5)

- **Prova de Conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos:**

E a conhecida provas das fichas, na qual se estuda a possibilidade de conservação da equivalência numérica com quantidades discretas, apesar das transformações configurais que se afetam, partindo-se previamente de uma correspondência termo a termo. (MAC DONELL 1979 p.5)

- **Prova de Conservação da quantidade de líquido:**

Conhecida como prova de transvasamento de líquido, nela como nas seguintes provas, indagar-se a o grau de conservação com o material físico contínuo em suas distintas variáveis. (MAC DONELL 1979 p. 5).

- **Prova de Conservação da quantidade de matéria:**

E a prova correlativa a c.2, mas que utiliza um novo conteúdo com relação ao material (massa de modelar). (MAC DONELL 1979 p. 6).

- **Prova de Conservação da composição da quantidade de líquido:**

Nesta prova deve a criança encontrar por si mesma a solução mediante a um processo de síntese. Ambas as provas são apresentadas ao sujeito em termos novos, se bem que para o adulto, resultem ambas imanentes a todo o problema de quantificação. (MAC DONELL 1979 p. 5)

2.1.4 Provas Projetivas Psicopedagógicas:

As provas projetivas tratam de desvendar quais são as partes do sujeito depositadas nos objetos. Que aparecem como suportes da identificação e que mecanismos atuam diante de uma instrução que obriga o sujeito a representar – se situações estereotipadas e carregadas emotivamente. O exame das provas projetivas permitirá, em geral, avaliar a capacidade do pensamento para construir, no relato ou no desenho, uma organização suficientemente coerente e harmoniosa como para veicular e elaborar a emoção. (PAIN, 1985 p. 61 e 62)

2.1.4.1 Eu e meus companheiros:

De acordo com Visca (1995 p.75) o objetivo desta prova é estudar o vínculo de aprendizagem com os companheiros de classe.

2.1.4.2 Família educativa:

Esta prova tem como objetivo, conforme Visca (1995, p.69):“*Estudar o vínculo de aprendizagem com o do grupo familiar e cada um dos integrantes do mesmo*”.

2.1.4.3. Par Educativo:

Esta prova propõe, segundo Visca (1995 p. 83): “*Investigar os vínculos da aprendizagem como meio de detectar a relação vincular latente*”

2.1.5. Provas Pedagógicas:

As provas pedagógicas consistem o uso de material graduado (texto de leitura, série de problemas etc.) com dificuldade crescente, que posicionará o sujeito dentro de diferentes níveis de uma escala de produtos. Penso que com essa forma de avaliar há a reprodução das provas de sala de aula, resultando na repetição da própria queixa. (WEISS, 2008 p. 94)

2.1.5.1. Provas pedagógicas língua portuguesa:

Usar situações em que o ler e o escrever tenham um significado para o paciente. (WEISS, 2008 p. 95)

2.1.5.2. Provas pedagógicas matemática:

Analisar o raciocínio matemático, o calculo, a leitura de problemas e questões para se saber de uma possível queixa de dificuldade geral na aprendizagem. (WEISS, 2008 p.99)

2.1.6. Entrevista com a professora:

É a observação do cotidiano do aluno em sala de aula, como aprende os conteúdos ensinados.

Conforme a professora de Ri a criança apresenta dificuldades na leitura escrita, não fica atenta aos conteúdos, pois se movimenta demais, e inquieto, briguento tem regressão e se comporta muitas vezes como se fosse um bebê. É muito nervoso dependente e apresenta problemas de dicção em sua fala.

Estuda em uma sala mista de crianças de varias faixas etária, apresentando dificuldade de um processo pedagógico referindo-se a uma má alfabetização.

Como professora, sinto-me frustrada com o desenvolvimento de Ri, já fiz de tudo que achava necessário para que o mesmo se desenvolvesse. Melhor, mais não tive êxito... Até agora.

2.1.7. Observação do material escolar:

A observação dos materiais escolares é um instrumento que nos ajuda compreender o modo como o sujeito se aproxima dos conteúdos escolares; Um dos objetivos básicos é ver como são as produções, o tipo de trabalho realizado, seus erros mais freqüentes, suas facilidades, para que possamos levantar hipóteses de suas possíveis dificuldades e estratégias que utiliza; Detectar o trabalho real que se realiza na escola e na sala de aula. (Em aula CUNHA, 2010).

2.1.8. Hora do jogo:

Utilizamos à hora do jogo para compreender alguns processos que podem ter levado a gestação de uma patologia no aprender, já que: A hora do jogo permite observar a dinâmica da aprendizagem.

Possibilitar o desenvolvimento e posterior análise das significações do aprender para a criança. Compreender alguns dos processos que podem ter levado à instalação de alguma patologia no aprender. Observar a inter-relação inteligência de desejo corporeidade. Observar o processo de construção do símbolo observa a aptidão da criança para criar, refletir, imaginar, fazer notar e produzir um objeto. Observar os processos de assimilação – acomodação e seus possíveis equilíbrios, desequilíbrios e compensações. Analisar a modalidade de aprendizagem. Ver a capacidade da criança para argumentar, para construir uma história e em que medida a cognição põe - se a serviço de organizar seu mundo simbólico. (FERNANDEZ p.171)

2.1.9. Atividades Lúdicas:

A atividade lúdica inclui os três aspectos da função semiótica que, a partir ponto de vista evolutivo, começa aos 2 anos, uma vez construído o mundo prático; são eles o jogo, a imitação e a

linguagem. O exercício de todas as funções semióticas que supõe a atividade lúdica possibilita uma aprendizagem adequada na medida em que é por meio dela que se constroem os códigos simbólicos e signálicos e que se processam os paradigmas do conhecimento conceitual, ao possibilitar-se, por meio da fantasia, o tratamento de cada objeto nas suas múltiplas circunstâncias possível. (PAIN 1985, p. 50 e 51)

2.1.10. Jogos de regras:

Jogos de regras são jogos de combinação sensória – motoras ou intelectuais em que há competição dos indivíduos e regulamentando quer por um código transmitido em geração em geração, quer por acordos momentâneos. (PIAGET, 1975 p.185)

Através dos jogos de regras é trabalhado a alegrias, desafio, entusiasmos, envolvimento e assimilação.

Jogos de vitória ao acaso, com o uso de dados e roletas, com, por exemplo, os jogos com pistas a percorrer com obstáculos. O ganhar e o perder são aleatórios, não dependendo da eficiência dos jogadores. São úteis no tratamento, quando alguns pacientes não agüentam perder, tendo feito esforço racionando etc.

2.2- ANÁLISE DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS

2.2.1. Anamnese

Anamnese é uma forma de diagnosticar em problema seja de faltar, emocional social, educacional, genético.

Toda a anamnese já é em si, uma intervenção na dinâmica familiar em relação à “aprendizagem de vida”. No mínimo se processa uma reflexão dos pais, um mergulho no passado, buscando o início da vida do paciente, o que inclui espontaneamente uma volta à própria vida da família como um todo. Durante a entrevista com a mãe foi possível perceber uma mãe que realiza as atividades do filho ao invés de ensiná-lo, deixando – o desesperado por não conseguir assimilar as atividades.

Segundo relatos colhidos foi uma gravidez indesejada e com bastantes perturbações, sofrendo vários tombos, anemia e complicações emocionais, a morte de um primo o qual foi o grande amor da vida dela, e que o marido acha que o filho é desse primo falecido. Onde até mesmo a própria mãe fica em dúvida quanto à paternidade, pois o filho é muito parecido com o ex-namorado, ocasionando uma para na aprendizagem.

Sabe-se, através da literatura psicanalítica, com especial ênfase em Spitz (*Apud* CHAMAT, 1978 p.84) que as rejeições exercem muita influência na formação da criança principalmente na vida intra-uterina. Também, tem-se conhecimento que a rejeição paterna e familiar é transmitida à criança, via mãe, antes e depois do nascimento.

Nasceu de parto cesariano, tem problema de visão, mas no momento não está usado óculos, e às vezes não escuta bem, devido a desatenção. Reclama tontura e muita dor de cabeça no lado direito.

A criança foi amamentada até um ano de vida, não é forçada a se alimentar, pois come de tudo, come derramando a comida, mas não recebe ajuda para se alimentar, a mãe o deixa a vontade.

Não tem um sono tranquilo é muito agitado ao dormir, fala dormindo. Tem que tomar banho antes de dormir, pois sente uma sensação ruim no pênis ficando ereto.

A mãe revela sentir a mesma sensação nos seios e braços, não conseguindo deixá-los sem movimentar e que também tem que tomar um banho para acalmar.

A mãe relata que não lembra suas primeiras palavras com significado. É uma criança com muita dificuldade de se expressar, pois apresenta muita gagueira.

Teve um desenvolvimento psicomotor normal quando bebê mexia em tudo, é muito lento ao realizar algumas tarefas, é desastrado.

A criança dorme em quarto separado junto com a irmã de quatro anos. Quando acorda vai para o quarto dos pais.

Ele gostava de ir à escola, mas ultimamente não gosta, não é bem aceito pelos colegas, pois é implicante, mas não fica isolado.

Sobre os aspectos ambientais a mãe relata que ele prefere brincar com crianças maiores faz amigos com facilidade.

A mãe afirma que as medidas de disciplina que ela usa: é colocar de castigo não deixa brincar e nem andar de bicicleta, mesmo assim ele só fica quieto alguns minutos.

Sobre os aspectos emocionais a mãe, diz que ele é pensativo, agressivo, dependente, medroso e inquieto. Afirma também que suas atividades preferidas são: andar de bicicleta e jogar bola. Durante a anamnese, mãe relata que Ri parou com o desenvolvimento na aprendizagem à partir da constante troca de professora.

Segundo Weiss (2008, p.1) um aspecto a considerar é a *troca* de escolas sem causa evidente. “Deve-se investigar amplamente o significado dessa atitude bem como sua repercussão no processo de aprendizagem.”

A mãe afirma que o filho não gosta de estudar, não tem hábito de leitura e na maioria das vezes não que fazer as tarefas que são mandadas para casa, e nem as da escola, mas ele gosta de pintura. Realiza as tarefas com a ajuda da mãe. Nunca mudou de escola, gosta de matemática, tem muita dificuldade na leitura e escrita.

A mãe afirma que ele é uma criança inquieta na escola e em casa até mesmo assistindo televisão demonstra inquietude.

Ele briga muito com os colegas, mesmo tendo facilidade de fazer amizade.

A professora sempre reclama da preguiça na realização das tarefas e das brigas na sala de aula.

Conforme WEISS (2008 p.68):

Deve-se investigar em que medida a família possibilita o desenvolvimento cognitivo da criança facilitando a construção de esquemas e deixando desenvolver o equilíbrio entre assimilação e

acomodação e qual carga efetiva coloca nesses processos. Assim, no início da vida é que se expandem as modalidades assimilativas e acumulativas; a primeira, por exemplo, no manejo da colher e outros objetos já mencionados e, a última, a exigências sociais exercida pelo controle dos esfíncteres. Muitos problemas de aprendizagem se iniciam pela maneira como se exige a inibição precoce, impedindo que a necessidade se instale normalmente, e que haja cognitivamente um rápido reconhecimento do sinal. O assunto será mais desenvolvido.

2.2.2. Entrevista com o cliente

A entrevista com o cliente foi importante uma concretização dos fatos narrados pela mãe.

Na hora do jogo RI, empolgou-se tentando pegar os objetos todos de vez não se atendo aos fatos.

O mesmo realizou as provas pedagógicas de forma confusa, a não dar seqüência às explicações.

No relato da professora foi possível perceber a opinião da professora referente ao ensino aprendizagem de RI dizendo que não realiza as atividades apenas se envolve em brigas na sala não se atende na aprendizagem.

Nas provas do diagnóstico operatório para realizar as provas enquadrando seu grau de conhecimento apontado para nível I.

Nas provas projetivas psicopedagógicas ele, teve dificuldades para estabelecer vínculos, quando se tratando dos desenhos só de rosto e ausência do corpo excluindo - se dos desenhos e descrevendo um dos seus instrumentos de aprendizagem colocando – o a parte.

Conforme Fernández (1997 p.37):

Para poder chegar a uma conclusão acerca da existência ou não de patologias estruturadas no aprender (sintomas – inibição – transtornos – de aprendizagem reativa), nossa visão orienta-se através da relação do sujeito com o conhecimento.

Observa-se em RI algumas patologias, sintomas e limitações envolvidos na escrita, problemas de forma, memorização das famílias silábicas, inibição da escrita, parada na aprendizagem, interferências sócio – afetivas, indiferença dos pais X carências afetivas, superproteção.

No nível das causas orgânicas, algumas vezes são apontadas causa de origem orgânica para os problemas de aprendizagem: Verminose, disfunção neurológicas, “nervosismo”, problemas de visão e audição.

De acordo SCOZ (2009 p.89)

A origem de toda a aprendizagem está nos esquemas de ação orgânica que o indivíduo desenvolve e que dependem, por sua vez, da integridade física do aluno. A criança com perda sensorial, por exemplo, pode ou isolar –s e, negando – se a aprender, ou apresentar outros tipos de comportamentos que, se não forem atendidos a tempo, podem prejudicar sua aprendizagem, as deficiências do funcionamento glandular se não forem sanadas, podem acarretar sonolência, falta de concentração, “lacunas”, ou outras descompensações que também comprometem a aprendizagem. A própria verminose pode desencadear apatia ou desinteresse pela aprendizagem.

Embora tais perturbações possam acarretar problemas de aprendizagem, não configuram, isoladamente, problemas de aprender. Quando, apesar dessas perturbações, o organismo apresenta – se equilibrado, a aprendizagem nem sempre será afetada.

Não resta dúvida de que um comportamento excessivamente agressivo pode estender – se às relações sociais da criança (colegas, professores, equipe escolar), interferindo negativamente no seu vínculo com a aprendizagem.

Não entanto, nem sempre a agressividade é de origem orgânica. Ela também pode ser desencadeada por causas psicológicas, gerando, por exemplo, obstáculos de origem sócio afetiva, cognitiva ou uma combinação deles. As crianças com mau rendimento escolar podem tornar – se ansiosas e agressivas diante de suas dificuldades e do sentimento de fracasso, passando a expressar sua ansiedade através da agressividade e do desinteresse. A avaliação do comportamento agressivo ou hiperativo deve considerar, ainda, o ambiente onde se dá a avaliação.

Freqüentemente ela é feita em situações muito estruturadas, dirigidas às tarefas para as quais se espera um determinado comportamento.

É importante ainda destacar que a agressividade, desde que não excessiva, pode ser um comportamento comum na infância e, por melhores que sejam as

condições de educação, as crianças sempre terão fantasias agressivas. Em geral, todas as vezes que uma criança afasta – se muito da ideologia dos pais ou das normas vigentes no grupo social, pode apresentar atitudes agressivas porque este é o modelo de relacionamento que vigora em seu grupo social.

Nesses casos, a atuação dos profissionais junto a essas crianças deve ser a de afastar os rótulos e procurar entender os determinantes envolvidos, equacionar o problema e identificar formas de ajuda.

Na escola pública, a agressividade ou os “problemas neurológicos” tornam – se um excelente rótulo para os comportamentos “desviantes”. Eles podem servir para encobrir a inadequação do modelo escolar aos padrões de vida da criança de grupos sociais mais pobres, podendo representar, ainda, um subterfúgio para que os professores fiquem imobilizados, incapazes de ajudar os alunos.

Algumas professoras demonstram preocupação com problemas de visão e audição, apontando – os como uma das causas dos problemas de aprendizagem.

2.2.3. Provas do Diagnóstico Operatório

2.2.3.1 Prova de seriação

Na prova de seriação as respostas de RI são compatíveis com de Mac Donell (1979 p.42) com resposta de nível. Podemos distinguir duas etapas de acordo com o que a criança conseguir.

- antes dos 4 anos – pensamento simbólico: a criança parece não entender a consigna. Não existe nenhum ensaio de ordenação. Às vezes, tenta justa por um par de palitos, mas sem levar em conta a horizontalidade nem a verticalidade.

- 4/5 anos – pensamento intuitivo global: neste nível podemos observar distintos tipos de condutas:

1ª – a criança ordena por pares (grandes / pequeno) ou três ou quatro elementos (grande, médio, pequeno), mas logo não os pode mais coordenar. São series justapostas sem ordem de conjunto.

2ª – outra alternativa é que consiga construir uma escala, mais levando em conta somente a parte superior de cada palito. Ao não considerar a parte inferior, a escala assim construída só é regular enquanto figura de conjunto: construídas pelos extremos superiores. Tal construção não apoiada em uma linha horizontal de base, não apresenta uma sucessão de palitos de acordo com a ordem real de tamanho.

Na prova de seriação as respostas de Ri são segundo Mac Donell.(1994. p.42),compatíveis com resposta de nível 1, porque mostrou fracasso na seriação,isto é, Ri ordenou os pares e não os pode coordenar.

2.2.3.2 Prova de classificação

- **Mudança de Critério ou Dicotomia:**

Mudança de critério (dicotomia) as respostas de Ri são compatíveis de acordo com MAC DONELL (1979 p.16) com respostas de “nível 1”, agrupa as fichas levando em conta não a totalidade delas e si as semelhanças qualitativa (formar, tamanho, cor etc.) de um elemento com o outro (relação de proximidade). Quer dizer sabe reconhecer a igualdade ou diferença entre duas fichas, mas não pode ter em conta relação simultânea de cada ficha com as demais. Esta limitação não lhe permite chegar à classificação de todas elas segundo um critério. Por exemplo: cor, ou seja, dispor de um plano pré-estabelecido para classificação. É esperado, então, que a intenção da criança em ordenar as fichas vá mudando de critério freqüentemente e ela pode não utilizar todos os elementos dados. Encontramos dois tipos freqüentes de conduta:

- alinhamento: chamamos assim por sua disposição linear. A criança alinha algumas fichas que tenham par. Tem mudanças de critério e geralmente não esgota o material.

- figuras complexas: a criança tenta agrupar algumas fichas em um conjunto espacial, tendo em conta não tanto a relação de uma ficha com outra e sim quem coloca cada elemento em relação com outros, tomados como partes de um conjunto organizado ou com sentido, do ponto de vista de sua forma total. O conjunto total pode referir-se a uma mera forma geométrica ou ter significado empírico que geralmente a criança expressa verbalmente.

2.2.3.2.1. Intersecção de Classe:

As respostas de RI são compatíveis de acordo com MAC DONELL (1979 p.20) com resposta de “nível 1” intuitivo global, a criança é capaz de constatar com acerto as classes não relacionadas, mas ainda não compreende a inclusão e a intersecção.

2.2.3.2.2. Inclusão de Classe

As repostas de RI são compatíveis de acordo com MAC DONELL (1979 p.21) “solução da inclusão quantitativa”. Todas as perguntas recebem respostas corretas, ainda que, às vezes, se observem duvidas e estranheza no primeiro enunciado da pergunta 1.

2.2.3.3. Prova de Conservação

2.2.3.3.1 Pequenos Conjuntos Discretos de Elementos

Na prova de Conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos as respostas de RI são compatíveis de acorda com MAC DONELL (1979 p.25) com respostas de “nível 2” correspondência qualitativa de ordem intuitiva, consegue-se a correspondência, mas não se matem a conservação.

2.2.3.3.2 Conservação da Quantidade de Matéria

Na prova de Conservação da quantidade de matéria às respostas de RI são compatíveis de acordo MAC DONELL (1994. p.29) com a resposta de “nível 1” não conservação etapa intuitiva global.

2.2.3.3.3 Conservação da Composição da Quantidade de líquido

Na prova de Conservação da composição da quantidade de liquido as respostas de Ri são compatíveis de acorda com Mac Donell (1994. p.39) com respostas de nível 1 composição não alcançada.

2.2.4 Provas Projetivas psicopedagógicas.

2.2.4.1 Eu e Meus companheiros:

O tamanho total do desenho corresponde com a presença de um maior peso na rede vincular.

O tamanho dos personagens corresponde a valorização, o fato de considerar o colega um modelo de identificação, o desejo de possuir sua amizade e o de ser aceito, são representados com um desenho de menor tamanho.

A posição dos personagens apresenta o entrevistado localizado em um extremo do grupo integração relativo.

O caráter completivo do desenho parcial indica um menor vínculo ou pior com este.

O vínculo de Ri com seus companheiros se apresenta então, como negativo.

2.2.4.2 Família Educativa:

O desenho de RI representa uma família formada por pai, mãe e uma irmã, não incluindo ele.

A ausência no desenho das atividades e dos objetos necessários por tais atividades denota um vínculo negativo de aprendizagem com o grupo familiar.

A figura materna é colocada como alguém que não sabe fazer nada. Durante o relato ele afirma que a mãe faz a lição e ele copia, o que evidencia uma modalidade de ensino negativo onde a mãe continua sendo a dona do conhecimento e favorece apenas que o filho copie o que ela conhece.

O conhecimento para esse filho já está dado e ele não necessita agir sobre ele, interagir e transforma – La basta a copia, esta modalidade de ensino favorece que o sujeito continue passivo e não desenvolver- se construtor de conhecimento.

O pai é representado como um modelo com característica negativa (vícios), mas que ensina algo.

Não há troca de conhecimento entre os familiares o que desfavorece o processo de aprender.

A idade que é atribuída ao pai demonstra que Ri não construiu o número.

A ausência de Ri no desenho permiti inferir que o mesmo não estabelece um vínculo de aprender e nem atribuir a si mesmo a possibilidade de ensinar e aprender.

2.2.4.3 Par Educativo:

O entrevistado atribui ao desenho o título “Eu e a professora”.

Quanto ao local o entrevistado centrou-se sobre a aprendizagem sistemática podendo ser esta positiva ou negativa. O entrevistado desenhou o ensinante e o aprendente de lado a lado, isto significa um vinculo regular de aprendizagem. O tamanho dos personagens, ambos pequenos e só cabeça, isto mostra um vinculo sem importância e está supervalorizando o intelectual que por sua vez se torna persecutório.

Esta prova permite, segundo VISCA, (1995, p.32) “Investigar os vínculos da aprendizagem como meio de detectar a relação vincular latente, um estudo no qual expõem os resultados obtidos em uma investigação dedicada a verificação a confiabilidade e a validez dos critérios do texto”

2.2.5 Provas Pedagógicas

2.2.5.1 Língua Portuguesa

Ri conhece apenas algumas letras mostrando grande lentidão e duvida ao identificá-las, não percebe vinculação com o objeto de conhecimento de conhecimento, mas faz diferença de letras e números.

Quanto a compreensão de leitura não consegue compreender o vocábulo, não sintetiza, não consegue estabelecer hierarquia, relação de causalidade e seqüência temporal.

Na observação da escrita ele faz diferenciação somente de letra e números mostrando-se no nível pré-silábico, pois representa tudo através de grafismo.

Apresenta omissões na fala e necessita de uma avaliação fonoaudiológica, se expressa de maneira confusa, fala em tom muito alto e apavorado e mostra impaciência ao conservar.

Segundo Ferreiro (2001, p.16):

As conseqüências dessa última dicotomia se exprime em termos ainda mais dramáticos: se a escrita é concebida como um código de transcrição, sua aprendizagem e concebida com a aquisição de uma técnica: se a escrita é concebida como um sistema de representação, sua aprendizagem se converte na aproximação de um novo objeto de conhecimento, ou seja, em uma aprendizagem conceitual.

- **Escrita**

RI distingue as letras dos números, tem uma escrita ilegível, por tanto há um vínculo com objeto de conhecimento. Não conhece todas as letras mostrando-se no nível pré-silábico, pois representa tudo através de grafismo.

Para Ferreiro (1981, p.115). "O que as crianças bem sabem é que uma escrita é um composto de partes linearmente ordenadas ainda que as relações entre a parte e o todo não possam ainda ser analisadas".

- **Linguagem oral**

RI relata suas vivências nas situações de interação presentes no cotidiano, apresentando um vocabulário restrito, juntamente com tartamudez, sua entonação de voz é alta, apresenta trocas e omissões na fala e necessita de uma avaliação fonoaudiológica.

De acordo com Oliveira e Bossa (2008, p.100)

Uma boa maneira de auxiliar a criança, e mesmo observar o uso que faz da linguagem, é oferecer questões ligadas à situação de modo que ela mesma se organize na expressão de suas idéias e

tenha a chance de perceber o caminho que está percorrendo para solucionar seus problemas.

2.2.5.2. Provas pedagógicas matemáticas

RI conhece os numerais, não identifica dezena, centena e milhar, nem tão pouco resolve problemas, demonstra conhecimento nas formas.

Na visão de Bossa e Oliveira (2008.p.107):

O conhecimento lógico – matemático consiste na compreensão das relações existentes entre os objetos e a criança irá estabelecer essas relações através de suas ações sobre os objetos: o número não é uma propriedade dos objetos, mas um produto das ações da criança sobre coleções de objetos. Somente após tais experiências a criança poderá usar palavras e estruturas frasais para se referir as qualidades e as relações.

2.2.6. Entrevista com a professora

De acordo com a necessidade do professor, após as observações feitas em sala de aula, constatamos que, modificando sua prática em alguns aspectos, pode ser possível obter resultados benéficos para um ou mais alunos, realizando intervenções indiretas. Para a professora, RI é um aluno muito carente nos sentido financeiro e afetivo.

As suas características mais visíveis são a passividade, a dependência, o medo, e o seu desligamento.

Ri é percebido pela professora como um aluno desligado, que não se interessa em aprender.

Na visão de Fernández (1990) O docente não é bem visto pelo sistema, mas quando ele é ouvido possibilita a abertura de possibilidades que poderá melhorar o vínculo professor-aluno.

Nota-se que o vínculo professor-aluno não existe entre RI e sua professora, o que também contribui com o fracasso na sua aprendizagem.

2.2.7. Observação do material escolar

Ri deixa seu material jogado em qualquer lugar demonstrando um vínculo negativo com o instrumento de conhecimento.

Percebe-se que o método usado pela professora é o tradicional, onde as tarefas são mecânicas e repetitivas, nas quais o aluno demonstra não compreender o que é solicitado, não concluindo as atividades predominantes as quais ele não conhece.

O sujeito apresenta um nível de pensamento inadequado ao ano escolar e a faixa etária.

A observação do material de Ri foi muito importante para visualizar com mais precisão os avanços e fracassos.

Seus materiais são jogados em qualquer lugar, sem hábitos de higiene, seus cadernos não têm margens e não obedecem a parágrafos, e quando não realiza as atividades leva castigo para casa, copiando as vogais e as sílabas a folha toda.

Apenas se empolga quando as atividades têm algo para ser pintado.

2.2.8. Hora do jogo

Ri demonstra curiosidade com a caixa do jogo, não tendo iniciativa e nem criatividade, apresenta prazer durante o jogo, evitando situações de aprendizagem escolar.

Faz uma pequena classificação dos objetos pegando-os aleatoriamente sem experimentação.

Diante dos objetos da caixa Ri mostrou-se inquieto mudando constantemente de postura corporal. Fazendo perguntas sobre os objetos do jogo, fazendo a escola do jogo pega varetas sem construção de uma história.

Quanto à interpretação não possui domínio ao jogar e nem apresenta tolerância frente a situações de frustrações, não tendo ordenado e nem objetivo ao

jogar, portanto sua modalidade de aprendizagem apresenta está dentro acomodação.

Nas colocações de Fernández (1990. p.109):

Todo ato de inteligência, por mais simples e rudimentar que seja, supõe um interpretação da realidade externa, quer dizer, uma assimilação do objeto. Igualmente, todo ato de inteligência, por mais elementar que seja, supõe um enfrentamento com as características do objeto, quer dizer, uma acomodação às demandas ou requerimentos que o mundo dos objetos impõe ao sujeito.

2.2.9. Atividade lúdica

Dobradura: Tulipa

Objetivo: Desenvolver habilidade de construir sem utilizar objetos cortantes.

RI seguir as instruções da dobradura ficou atrapalhando-se dobrando desdobrando, ao concluir a dobradura não ficando perfeita, pois ouve varias dobras em lugares diferentes.

Observa-se que ele tem dificuldades na habilidade de seguir as instruções e no manuseio de dobrar corretamente o papel formando figuras.

Pintura

Objetivo: Desenvolver a habilidade no manuseio do lápis com coordenação motora fina, obedecendo a limites.

O mesmo, logo ao receber o material preocupou-se com as cores dos lápis que gostaria de utilizar, preferindo a cor rosa. Portanto em sua pintura houve o destaque da cor rosa.

RI possui uma pintura no sentido horizontal acalcada, mas obedecendo aos limites.

Pode-se observar que ele possui habilidade no manuseio do lápis não possui coordenação motora fina, portanto respeita aos limites de pintar.

2.2.10. Jogos de regras

Jogos de regras podem provocar no jogador entusiasmo, interesse motivação gosto e prazer envolvimento.

Tem como objetivo o desenvolvimento das potencialidades nas áreas cognitivas psicomotoras: saber sentir e praticar.

Na concepção de Bossa (1996) jogar em grupo com obediência a regras canaliza os impulsos e não perde o controle sobre eles.

- Jogo de dama

Tem por objetivo desenvolver estratégia e habilidade própria e desenvolvimento das mesmas.

RI não compreende as regras do jogo apresentando dificuldade ao jogar, não obtendo êxito ao realizar.

Entende-se que RI não segue as estratégias para realização do jogo.

- Pega vareta

Tem como objetivo habilidade motora fina.

Ao jogar varetas RI apresentou-se desesperado, não conseguindo pegar as varetas conforme as regras, pois retirava qualquer uma movimentando as demais. Seu desejo era tê-las consigo.

Nota-se que RI, conhecia o jogo, mas não as regras do mesmo e que não possui habilidade motora fina ao jogá-las.

Entende-se que RI não pratica jogos de regras ou importa com tais regras dos jogos.

De acordo com Fernández (1990.p.166) “Para construir um saber, para apropriar-ser de um conhecimento, devemos jogar com a informação como se fosse certa se não fosse certa.”.

E é no seio deste processo que irá se construindo a criação, a possibilidade de transformar o objeto, de acordo com a experiência de cada um, e por sua vez deixar-se transformar pela inclusão desse objeto.

2.3. HIPÓTESE DIAGNÓSTICA

Após a análise dos dados pode-se afirmar que RI apresenta problemas de aprendizagem, sintoma que conforme Fernández (1990, p.143) é assim definido:

O sintoma elude e alude, evita e refere, é uma transação entre instâncias repressoras e instâncias reprimidas; transação que não resolve o conflito, transação entre uma instância que reprime e uma que luta por sair, por emergir, por não ser reprimida. Quando aprisionado é o pensar, o sintoma que aparece tem características muito particulares, o que denominamos (inteligência atrapada) inteligência aprisionada. O sintoma problema de aprendizagem toma a inteligência como terreno onde o aprender e o pensar estão comprometidos.

Considerando a definição do autor acima citado, a modalidade de aprendizagem apresentada por Ri é hiperassimilação / hipoacomodação que Segundo Paín (1985 p. 145):

Sendo a assimilação o movimento do processo de adaptação pelo qual os elementos do meio são alterados para serem incorporados pelo sujeito, numa aprendizagem sintomatizada pode ocorrer uma exacerbação desse movimento, de modo que o aprendiz não resigna-se ao aprender. Há o predomínio dos aspectos subjetivos sobre os objetivos. Esta sintomação vem acompanhada da hipoacomodação.

Analisando a leitura e escrita de Ri a partir dessas definições e modalidades, vê-se que as mesmas se dão possivelmente por uma alfabetização deficiente.

Deve-se se investigar em que medida a família possibilita o desenvolvimento cognitivo da criança facilitando a construção de esquemas e deixando desenvolver o equilíbrio entre assimilação e acomodação – e qual carga afetiva coloca nesses processos. Assim, no início da vida é que se expandem as modalidade assimilativa e acomodativa; a primeira, por exemplo, no manejo da colher e outros objetos já mencionados e, a última, a exigência social exercida pelo controle dos esfínteres.

Os cuidados pré-natais que se seguem à instalação da gravidez, dando melhores ou piores condições orgânicas para o bebê, muitas vezes ficam ligados a essa aceitação ou rejeição da gravidez.

É importante pesquisar traumatismos, doenças e deficiências ligadas à atividade nervosa superior; verificar se há consciência da família em relação à

existência ou não de seqüelas. É preciso que se tenha acesso ao parecer do neurologista, caso haja um. Outro aspecto básico refere-se às condições dos órgãos cujo mau funcionamento pode prejudicar a aprendizagem, como a existência de problemas visuais e auditivos. Problemas e sintomas de aprendizagem.

4. SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS

A sugestão é de que RI precisa de um acompanhamento com psicopedagogo, psicólogo, fonoaudiólogo e uma atenção específica voltada para a alfabetização.

4.1 Sugestões para a família

A família deverá ajudar melhor nas tarefas de RI auxiliando – o de forma a ensinar, buscando orientação nas suas limitações e buscando tratamento para as situações apresentadas.

4.2 Sugestões para a escola

Que aprimore a prática docente e auxilie mais de perto a aprendizagem RI, na busca de fazê-lo avançar de forma preciso.

5. CONCLUSÃO

Com este estudo observa-se a importância do estágio supervisionado, sob uma boa orientação, podem-se perceber para uma avaliação psicopedagógica as queixas apresentadas pela família, professora e escola, servindo como apoio para formação psicopedagógica, buscando identificar os obstáculos e os elementos facilitadores do desenvolvimento da aprendizagem do sujeito.

Conforme pesquisa entende-se que ao final do diagnóstico psicopedagógico, o terapeuta deve ter formado uma visão integral do paciente e da sua inserção na família, na escola e no meio social em que vive. Deve compreender o seu modelo de aprendizagem, facilidades e dificuldades, além dos recursos e motivação que possua para favorecer a busca da aprendizagem.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSSA, Nadia Aparecida; OLIVEIRA, Vera Barros de. **Avaliação psicopedagógica da criança de sete a doze anos**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHAMAT, Leila Sara José. **Relações vinculares e aprendizagem: um enfoque psicopedagógico**. São Paulo: Vetor, 1997.

CUNHA, Sueli P. **Diagnóstico Psicopedagógico da Instituição Educativa**: In Revista Psicopedagógica, V.18 nº 48. ABPp. São Paulo: Lemos Salesianos, 2010..

FERNÁNDEZ Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FICHTNER, Nilo. **Prevenção, Diagnóstico e Tratamento Mentais da Infância e da Adolescência**: RS. Artes Médicas, 1997.

MAC DONELL, Juan José Conte. **Manual de provas de Diagnóstico Operatório C.E.** M: Buenos Aires, 1979.

PAIN, Sara. **Subjetividade e objetividade: relação entre o desejo e o conhecimento**. São Paulo: Cevec, 1985.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e Realidade Escolar**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

VISCA, Jorge. **Técnicas projetivas psicopedagógicas**. Buenos Aires. Ag. Serv. G, 1995.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WEISS, Maria Lúcia. **Psicopedagogia Clínica. Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 13 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ANEXOS

ANEXO 1

Roteiro de Anamnese

Data: 16-06-2010

Quem trouxe a criança: a mãe

Grau de Parentesco: Mãe

1. Identificação

Nome: Ri

Apelido: xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Idade: 07 Sexo: Masculino

Local e data de nascimento: XXXXXXXXXXXXX

Escola: Escola Municipal

Escolaridade: 2º Período Escolar: Matutino

Endereço da escola:

Telefone da escola:

Nome do professor:

Observações:

2. Dados Familiares:

Nome do pai: F.

Grau de instrução: 1ª serie Profissão: Pedreiro

Idade: 33 Naturalidade: Maranhão

Nome da mãe: M..

Grau de instrução: 8ª série Profissão: Doméstica

Idade: 27 Naturalidade: Goiás

Religião dos pais: Católica

Outros Filhos

Nome: Ia.

Idade: 4 anos Escolaridade: não estuda

3. Queixa ou motivo da consulta

Dificuldade de aprendizagem.

Desde quando tem problema?

Começo desse ano.

Já procurou outros especialistas? Quais?

Sim, psicólogo.

Está fazendo algum tratamento médico, psiquiátrico ou neurológico?

Não

Por quê?

Quem indicou a clínica?

4. Antecedentes Pessoais

4.1 Gestação

Fez alguma transfusão durante a gravidez? Não

Quando sentiu a criança se mexer? Não lembra

Levou algum tombo? Vários.

Doença na gestação: Anemia e desmaio.

Condições de saúde da mãe durante a gravidez: Regular

Condições emocionais: Sim

Houve algum episódio marcante durante a gravidez? Sim. Faleceu um primo, que era seu ex-namorado o qual era apaixonada.

4.2 Condições de nascimento

Nasceu de quantos meses? 9 meses

Com quantos quilos? 3.250 g Comprimento: 50 cm

Desenvolvimento do parto: Cesário

Prematuro? Não

A termo?

Observações:

4.3 Primeiras Reações

Chorou logo? Sim, chorou.

Ficou vermelho demais? Não viu Por quanto tempo?

Ficou preto? Não

Precisou de oxigênio? Não

Ficou ictérico (amarelado, esverdeado)? Não

5. Desenvolvimento

5.1 Saúde

A criança sofreu algum acidente ou se submeteu a alguma cirurgia?

Já caiu da cama, e sangrou o nariz.

Possui reações alérgicas?

Não

Tem bronquite ou asma? Não

Apresenta problemas de visão? Sim, mas faz alguns meses que não usa óculos.

E de audição? Às vezes não escuta bem.

Dor de cabeça? Sim, do lado direito

Já desmaio alguma vez? Só sente tontura Quando? xxxxxxxxxxxx

Como foi? xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Teve ou tem convulsões? Não

Há alguém da família que apresenta problemas de desmaios, convulsões, ataques?

Sim, a mãe apresentava tonturas.

Observações:

5.2 Alimentação

A criança foi amamentada? Sim Até quando? Um ano de idade

Como é sua alimentação? Boa

É forçada a se alimentar? Não

Come sem derrubar comida? Não.

Recebe ajuda na alimentação? Não.

5.3 Sono

A criança dorme bem? Não, tem que tomar um banho para dormir, pois sente uma sensação no pênis ficando ereto não conseguindo dormir tranquilamente.

Como é seu sono (agitado, tranquilo)? Agitado

Fala dormindo? Às vezes.

É sonâmbulo? Não

Range os dentes? Não

Dorme em quarto separado dos pais? Sim.

Com quem dorme? Com a irmã.

A criança acorda e vai para a cama dos pais? Sim, todos os dias quando o pai sai para trabalhar

Observações:

5.4. Desenvolvimento psicomotor

Como era quando bebê?

Agitado e mexia em tudo.

Em que idade:

- Firmou a cabeça? 3 meses
- Sentou sem apoio? 5 meses
- Engatinhou? 6 meses
- Ficou de pé? 9 meses
- Andou? 1 ano.

Teve controle dos esfíncteres:

- Anal diurno: 1 ano
- Anal noturno: 2 anos
- Vesical diurno: 1 ano
- Vesical noturno: 2 anos

Como foi ensinado esse controle?

Ensinando, foi ensinado controlando o horário.

É lento para realizar alguma tarefa?

Muito lento.

Veste-se sozinho? Sim Toma banho sozinho? Sim, toma.

Calça-se sozinho? Sim Sabe dar nós nos sapatos? Sim, mais ou menos mais sabe.

É desastrado? Sim.

Anda de bicicleta? Sim Desde quando? 3 anos

Pratica esportes? Não Quais?XXXXX

É destro ou canhoto? Destro

Foi exigido que usasse uma das mãos para escrever ou comer? Não

Em casa quem escreve com a mão direita? Todos

E com a esquerda? Nenhuma

Rói unhas? Não Chupa dedos? Não.

Tem outra mania ou tic? Qual? Não

Precisa de ajuda para fazer alguma coisa? Só as tarefas escolares.

Observações:

6. Escolaridade

A criança gosta de ir à escola? Já gostou, mas agora não

É bem aceita pelos amigos da escola ou é isolada? Sim, mas gosta de brincar com os maiores.

Já repetiu a série alguma vez? Não Por quê?XXXXX

Gosta de estudar? Não Tem o hábito de leitura? Não

Faz lições que os professores passam? Na maioria das vezes não.

Os pais estudam com a criança? À mãe faz a tarefa e ele copia.

Mudou muitas vezes de escola? Não

Por quê? xxxxxxxx

Vai bem em matemática? Não.

Tem dificuldades em leitura e escrita? Sim

É irrequieta na escola? Sim, até mesmo em casa.

Em que circunstâncias? Em todas

Quais as principais dificuldades encontradas na escola? Briga com os colegas.

O que os professores acham dela? Preguiçoso e briguento.

7. Linguagem

Quando usou as primeiras palavras com significado? Não lembra.

Gagueja? Muito Troca letras quando fala? Sim

Relata fatos vivenciados? Sim

Em alguma época notou alguma alteração na comunicação? Não

Qual? xxxxxxxx

Descreva a comunicação atual: Fala como uma criança de quatro anos.

Observações:

8. Sexualidade

Foi feita alguma educação sexual? Não Quem fez? xxxxxx

Como foi? xxxxxxxx

Tem curiosidade sexual? Sim. Pergunta como ele foi feito, e como nasceu.

Observações:

9. Aspectos ambientais

Prefere brincar sozinha ou com amigos? Com os amigos

Prefere brincar com as crianças maiores ou menores que ela? Maiores que ele.

Faz amigos com facilidade? Faz

Adapta-se facilmente ao meio? Sim

Como é o relacionamento da criança com os pais?

Normal.

E com os irmãos? Bom.

Quais as medidas disciplinares normalmente usadas com as crianças? Castigo, tirando as coisas que ele gosta de fazer

Quem as usa? Os pais.

Quais as reações da criança frente a essas medidas? Emburrado, joga pedra, objeto em quem estiver por perto.

10. Características pessoais e afetivo-emocionais

Como a criança é sob o ponto de vista emocional? Pensativo e agitado.

Dentre as características abaixo em quais ela se enquadra:

- Agressiva (X)
- Passiva ()
- Dependente (X)
- Irrequieta (X)
- Medrosa (X)
- Retraída ()
- Excitada (X)
- Desligada ()
- Outros:

Como reage quando contrariada? Fica nervoso e agressivo.

Atividades preferidas: Andar de bicicleta e jogar bola.

Observações:

11. Atividades diárias da criança

Descreve o dia-a-dia desde quando acorda até a hora de dormir: Levanta toma café, assiste televisão quando descuida quer sair pra rua, almoça vai para escola, quando chega as vezes brinca com o pai de bola, bicicleta ou assisti televisão até 22:00 às 23:00

Gostaria de acrescentar alguma coisa? Não

Observações:

ANEXO 2

4.2 Entrevistas com o Cliente

ENTREVISTA COM O CLIENTE

(A entrevista com a criança ou adolescente deve acontecer informalmente.)

- Verificar se a criança tem informações básicas de seu cotidiano.
 - Nome completo/ idade/ dia do aniversário.
 - Série escolar/ nome da escola/ professor.
 - Nome dos pais/ irmãos/ idade dos irmãos/ série que os irmãos estudam.
 - Endereço/ telefone.
- Por que veio para o atendimento?
- Em casa:
 - O que mais gosta de fazer?
 - O que menos gosta de fazer?
 - Que horário faz as tarefas? Quem ajuda? Como ajuda?
 - Recebe os colegas de casa?
- O que a família gosta de fazer
 - Pai/ mãe/ irmãos
- Faz passeios em família? Onde costuma ir? Como são os finais de semana em família?
- Na escola.
 - Quem são seus amigos?
 - O que mais gosta de fazer?
 - O que menos gosta de fazer?
 - O que é fácil fazer? (Por quê?) O que é difícil fazer? (Por quê?)

- Quais as brincadeiras preferidas? (Na escola/ em casa).
- Gosta de ler? O que? Gosta de ouvir histórias? T.V? (Que programas?)
- Gosta de musica? Esporte preferido.
- Tem medo de algo?
- A quem pede ajuda quando precisa?

Ri, nasceu em 7 de agosto não sabe o ano. Estuda no 2º ano de uma escola municipal situada na zona periférica da cidade.

Filho de M. e F. (tive dificuldades em compreender os nomes dos pais, pois falava muito rápido), não tem irmãos só a Michele e a minha mãe uma época e outro que perdeu, a Michele tem 10 anos, disse “não sei a série”, depois perguntei o ano e ele disse 3º ano, “não sei o endereço, mas falou moro na escola”. Não tenho telefone minha vó que tem, só que o telefone ta com a minha mãe. Acha que veio para este atendimento para aprender a ler.

Quando perguntei em casa – ele entrelaçou os cabelos com as mãos e disse “ficar quieto”, e eu perguntei você não gosta de fazer nada e ele respondeu: “brincar de carrinho”, não gosta de colocar água no filtro, faz tarefas de escola de noite. Ajudado pela avó, ela vai explicando e vou escrevendo. Não recebe colegas em casa. E diz que nos sábados, feriados e domingos “eu e a Michele brinca de escolinha”. A família gosta de ir para o “corgo” tomar banho, vai eu, Michele, minha vó, minha mãe, meu pai foi pra Bahia. Finais de semana junto com a família faz churrasco, vai na loja.

Na escola são meus amigos o Lucas e o Eduardo, gosto do ABC, hora da oração e menos gosta de ir embora, porque gosta da professora da tarde. “Acho fácil o recreio porque só é brincar. O mais difícil na escola é de ficar conversando pois não gosta de conversar.

A brincadeira que mais gosta na escola é Caranguejo (música de roda), em casa é picou-picolé. Gosta de ler, “só que não sei, só fico vendo as letras”. Gosto de ouvir história, gosto de assistir o pica-pau, gosto das música de Luciano e Camargo (Zezé de Camargo e Luciano). Não gosto de esporte. Tenho medo só de cobra. Quando preciso de ajuda peço à minha vó.

ANEXO 3

4.3 Provas Diagnóstica Operatória

Aprendente: Ri

Data:

SESSÃO: Provas Operatórias - 1

1.1-CLASSIFICAÇÃO: Mudança de critério (Dicotomia)

- O que você está vendo?

Quadrado azul e vermelho, bola azul, vermelho e branco.

-Classificação espontânea

Reúna em grupos todas estas fichas que possa formar grupos iguais:

Separou tudo pelo tamanho e fez um grupo branco, um azul e um vermelho para ficar bonito e colorido.

Como você pensou em organizar desse jeito?

Separou tudo o que tinha o mesmo tamanho e a mesma cor para ficar bonito.

-Dicotomia

Agora faça dois grupos usando todas as fichas:

Separou formando um grupo colorido e outro com uma cor só para formar monstros.

Apontando ao primeiro grupo questionar: Como você pensou para organizar deste jeito?

Separou branco azul e vermelho, para ficar colorido. Outro grupo só com azul para ficar bom.

Agora, apontando para outro grupo questionar: Como você pensou para organizar desse jeito?

Para ficar bonito.

Como poderia chamar este grupo?

De grupo colorido

E, este outro grupo como poderia chamar?

De grupo azul.

-Primeira Mudança de Critério:

Faça agora dois montes de outro jeito (se fizer o mesmo modo anterior, questionar que já fez, solicitando que pense em outro critério):

Fez de forma em que ficasse à esquerda quadrado e a direita círculo.

Como você pensou para organizar desse jeito?

Porque bola combina com bola e quadrado combina com quadrado.

Como poderia chamar este grupo?

O seu grupo esquerdo chama quadrado.

E, este outro grupo como poderia chamar?

Seu grupo direito chama bola.

-Segunda Mudança de Critério

Pode agora fazer dois montes de novo de outro jeito (se fizer do mesmo modo de uma das anteriores, questionar que já fez, solicitando que pense em outro critério):

Fez um grupo de círculos e outro de quadrados.

Como você pensou para organizar deste jeito?

Porque fica bonito bola com bola e só quadrado com quadrado.

Como poderia chamar esse grupo?

Um monte de bola e um monte de quadrado.

E, este outro grupo como poderia chamar?

Branco, azul e vermelho redondo, e vermelho azul quadrado.

AVALIAÇÃO: Na classificação espontânea nível 1.

Aprendente:

Data:

SESSÃO: Provas Operatórias – 2

1.2 CLASSIFICAÇÃO: Intersecção de Classes

Solicitar que reconheça o material e nomeie-o e dê as características:

Tem mais fichas azuis, menos vermelho, são diferentes em formas, existe mais círculos que quadrados.

Por que você acha que colocamos estas fichas aqui no meio?

Quando tem duvida fala que é pra ficar bonito.

Existem aqui mais fichas quadradas ou fichas redondas, ou um número igual de fichas?

Existem mais fichas redondas que quadradas.

Você acha que tem mais, tem menos, ou tem o mesmo tanto de fichas quadradas ou fichas azuis? Como você sabe? Mostre-me:

Azul tem mais.

Você acha que tem mais, tem menos, ou tem o mesmo tanto de fichas redondas ou fichas azuis? Como você sabe? Mostre-me:

Tem redonda, porque eu contei.

Avaliação: Nível 1

Aprendente:

Data:

SESSÃO: Provas Operatórias – 3

1.3-CLASSIFICAÇÃO: Inclusão de Classes

Solicitar que reconheça as flores e nomeie-as:

As rosas vermelhas disse rosa e as margaridas disse que era flor.

Margaridas são flores?

Sim.

Você conhece outras flores? Quais?

Copo de leite, e a flor do mato.

Neste ramo, há mais margarida ou mais flores? Como você sabe?

Tem mais margarida. Porque eu contei.

Se a criança errar perguntar se ela entendeu a perguntar e pedir a ela que repita o que lhe foi perguntado.

Vamos imaginar que existem duas crianças que querem fazer ramos. Uma faz um ramo com margaridas e a outra faz um ramo com as flores. Qual ramo tem mais flores?

Os dois têm o mesmo tanto.

Se eu te der as margaridas, o que sobra no meu ramo?

As folhas.

Se eu te der as flores, o que sobra no meu ramo?

Os galhos e as folhas.

Eu vou fazer um ramo com todas as margaridas e você vai fazer um ramo com todas as flores. Quem terá o ramo maior? Como você sabe?

Ele disse a senhora, porque tem mais margaridas que rosa, porque aqui só tem 3 rosas e ai tem 10 margaridas.

Avaliação: Nível 3

Aprendente:

Data:

SESSÃO: Provas Operatórias – 4

2.1- CONSERVAÇÃO: Pequenos Conjuntos Discretos de Elementos

1- Correspondência em fileira:

O que você está vendo? (nomear e caracterizar)

Uma fila.

Solicitar que a criança escolha a cor branca ou azul.

Dispor das fichas da outra cor que sobrou em fileiras e propor que o aprendente faça o mesmo na equivalência um a um.

Perguntar se há o mesmo tanto em cada fileira. Como você sabe?

Disse que as duas têm o mesmo tanto.

Espaçar mais fichas e perguntar ao aprendente: E, agora aonde há mais fichas? Como você sabe?

Ao espaçar as fichas ele foi logo, organizando as azuis e contou as brancas e as azuis e disse tem o mesmo tanto 9 e 9.

Se a resposta é de conservador o experimentador chama a atenção sobre a configuração pessoal espacial. "Mas, olha esta linha é mais comprida. Não parece que a maior tem mais que esta outra?"

Quando perguntei-o contou e colocou lado a lado e disse porque não organizei direito.

Se a resposta é de não a conservação, o experimentador recorda à equivalência inicial, e diz: um outro menino me disse que havia a mesma quantidade de fichas brancas e azuis. O que você acha disso?

Agora o experimentador junta suas fichas e pergunta sobre a quantidade de fichas, assegurando a equivalência. Pede-se que o aprendiz justifique suas respostas.

Ao agrupar as fichas ele também percebeu e agrupou, em seguida contou e disse que tem a mesma quantidade.

Em seguida, o experimentador esconde suas fichas e pede que o aprendiz conte suas fichas sobre a mesa, depois lhe pergunta: Pode me dizer quantas fichas tenho aqui na minha mão? Como você sabe?

Logo percebeu olhou e contou, disse “eu tenho mais, e contando, disse que eu tinha 2 em minha mão, (estava correto).

2- Correspondência em círculo:

Reúne-se as 10 fichas de cada cor e o experimentador dispõe 7 ou 8 em círculo e procede da mesma maneira anterior, sendo que a criança dispõe suas fichas em uma coleção igual.

Uma vez constituídas as duas coleções o experimentador faz uma pilha com suas fichas e faz as mesmas perguntas da primeira etapa.

Comentários do aprendiz:

Percebi o erro porque o meu tinha sobra dois e o da senhora 3, ai tirei mais uma ficou igual e contei deu 7 à 7 dispostos em círculos.

Aprendente:

Data:

SESSÃO: Provas Operatórias – 6

2.3-CONSERVAÇÃO: Quantidade de Matéria

Apresentar duas bolas de massa de modelar de cores diferentes.

Perguntar se têm a mesma quantidade de massa numa e noutra. Caso disser que não, pedir que iguale as duas bolas para que tenham a mesma quantidade.

1º Transformação:

Transformar-se uma das bolas em salsicha

1. E, agora há o mesmo tanto de massa na bola de na salsicha? Algum tem mais ou tem menos? Como você sabe?

Ele respondeu que a salsicha é maior.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar.

Mas, a salsicha é comprida, não acha que por isso há mais massa da salsicha do que na bola. Como você sabe?

Porque é maior.

Uma outra criança me disse que na salsicha há mais massa que na bola. O que você acha disso?

A criança respondeu errado.

Em caso de não-conservação, lembrar a igualdade da quantidade inicial:

Você lembra como foram feitas as bolas antes? E, vimos que a salsicha é fininha e a bola grossa, então não há mais massa aqui na bola que na salsicha? Como você pode explicar?

Ele afirma que a salsicha é maior.

Retorno empírico:

Antes de refazer a bola inicial, pergunta-se: “Se volto a fazer uma bola com esta salsicha, terá ou não a mesma quantidade de massa?”

Ele disse que não sabe.

Fazem-se novamente duas bolas certificando que têm a mesma quantidade.

2ª Transformação

Transforma-se uma das bolas em bolacha

1. E, agora há o mesmo tanto de massa na bola e na bolacha? Algum tem mais ou menos? Como você sabe?

Na bola tem mais massa, porque a bola é maior.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar;

Mas, a bolacha é maior, não acha que por isso há mais massa na bolacha do que na bola. Como você sabe?

Não quero responder.

Em caso de não-conservação, lembra a igualdade de quantidade inicial:

Você lembra como foram feitas as bolas antes? E, vimos que a bolacha é maior e a bola é mais grossa, então não há mais massa aqui na bola que na bolacha? Como você pode explicar?

Não conserva a quantidade.

Retorno empírico: Antes de refazer a bola inicial, pergunta-se: “Se volto a fazer uma bola com esta bolacha, terá ou não a mesma quantidade de massa?”

Ele afirma que uma das bolas é maior.

Fazem-se novamente duas bolas certificando que têm a mesma quantidade.

3ª Transformação

Transforma-se uma das bolas em pequenos pedacinhos (5 a 8)

1- E, agora há o mesmo tanto de massa na bola e nestes pedacinhos? Alguma tem mais ou tem menos? Como você sabe?

Tem mais a onde tem um montão de bolinha.

Em caso de resposta correta, contra-argumentar. Mas, tem muitos pedacinhos, não acha que por isso há mais massa nestes pedacinhos do que na bola. Como você sabe?

XX

Uma outra criança me disse que na salsicha há mais massa que na bola. O que você acha disso?

Acha que a salsicha tem mais massa.

Você se lembra como foram feitas as bolas antes? E, vimos que em pedacinhos tem mais, então não há mais massa aqui nestes pedacinhos que na bola? Como você sabe?

Acha que os dois pedacinhos são menores que a salsicha, porque são pequenininhos.

Retorno empírico: Antes de refazer a bola inicial, pergunta-se: “Se volto a fazer uma bola com estes pedacinhos, terá ou não a mesma quantidade de massa?”

Sim.

Fazem-se novamente duas bolas certificando-se que têm a mesma quantidade.

Avaliação: Nível 1. Ele tem a não-conservação de matéria.

Aprendente:

Data:

SESSÃO: Provas Operatórias -10

2.7-CONSERVAÇÃO: Quantidade de Líquido – Composição

Comprovar as diferentes dimensões dos corpos e colocar líquido no copo A1 até a metade, aproximadamente.

Pedir que colocasse uma quantidade de líquido igual no copo (E).

Caso coloque o mesmo tanto, contra-argumentar: Olhe este copo (E), é muito mais fininho estreito que o outro, parece então, que há mesma quantidade para beber? Não há mais neste copo que nesse outro? Como você sabe?

Parece que gordo tem mais e demora mais encher.

Se não efetuar a correção de elevar a água proporcionalmente no copo (E), o experimentador efetua esta ação pedindo que faça o certo: níveis iguais ou nível mais elevado (E).

Se a solução consiste num rebaixamento do nível do copo (E), o experimentador chama a atenção sobre a diferença do nível.

Mas, você colocou mais água aqui (E), pois está mais alto, não te parece então que terá mais em (A1)? Explique:

Ele afirmou que no copo A tem mais porque é mais gordo.

Avaliação: Nível 2

Aprendente:

Data:

SESSÃO: Provas Operatórias – 11

3.1 SERIAÇÃO: Palitos

1ª Parte: Seriação descoberta

Apresentar os palitos em desordem. Reconhecer o material.

Pedir que organizasse os palitos do menor para o maior. Observar como elege cada um, ordem de combinação. Com você pensou para fazer?

Eu lembrei que a professora mostrou em sala de aula, contando do menor para o maior.

2ª Parte: Verificação da inclusão

Entregar o palito marcado para que inclua na série.

Ao receber o palito marcado colocou-o na sua ordem correta e me respondeu que este é aqui porque é maior.

3ª Parte: Seriação oculta atrás de um anteparo

Apresentar novamente os palitos em desordem (retirar o palito marcado) e colocar um anteparo entre a criança e o experimentador. Pedir que vá montando uma escala do menor para o maior à medida que for recebendo os palitos. Como você pensou para fazer?

Lembrou que a professora já havia feito em sala de aula.

Avaliação: Nível 3

ANEXO 4

4.4 Provas Projetivas Psicopedagógicas.

4.4.1 EU E MEUS COMPANHEIROS

4.4.2 FAMÍLIA EDUCATIVA

1- Área Gráfica

a) Personagens que aparecem: (X) Pai (X) Mãe (X) Irmã () Avós () Outros

Quem? XXXXXX

2- Atividades

a) Todos fazem algo? Não

b) Existem trocas? Não

c) Alguém ensina alguém? Sim

d) Quem ensina? O Pai e a mãe

e) Quem aprende? O filho.

f) Como é transmitido esse conhecimento? Pela cópia.

3- Tamanho dos Personagens

() Personagens com tamanho compatíveis com a idade

(X) Personagem com maior idade e tamanho menor que os outros

() Se desenha no grupo com tamanho compatível com sua idade

() Se desenha bem menor que os demais personagens

() Se desenha maior que os demais personagens

4- Área Verbal (relato) e Escrita

Demonstra conhecimento das atividades realizadas (X) Sim () Não

Relata de forma coerente e com coesão (X) Sim () Não

4.4.3 – PAR EDUCATIVO

1- Área gráfica

a) Presença dos três elementos:

1 (X) Objeto de conhecimento

2 (X) Ensinante

3 (X) Aprendiz

b) Ausência de um dos três elementos:

() Objetivo do conhecimento

2- Tipo de cena

() Familiar

() Extra-Familiar (Social)

(X) Escolar – (X) Produtiva (X) Improdutiva () Punitiva

3- Posição dos personagens entre si:

() Frente a frente

(X) Lado a lado

() De costas

4- Distância dos Personagens entre si em relação ao objeto de conhecimento:

(X) Professor longe do aluno

() Professor e aluno próximos entre si

4-1- Quanto ao objetivo de conhecimento:

() Professor e aluno longe do objetivo de conhecimento;

() Professor e aluno perto do objetivo de conhecimento;

(X) Professor perto do objetivo de conhecimento e aluno longe;

() Professor longe do objetivo de conhecimento e aluno próximo.

5- Tamanho dos Personagens:

() Professor de tamanho coerente com idade;

() Professor menor que o aluno e idade superior a do aluno;

(X) Ambos (professor e aluno), tamanho compatível com as idades.

6- Quanto à Figura Humana:

() Figura do professor completa;

() Figura do aluno completa;

- Qual figura se apresenta incompleta: Os dois representados só pela cabeça.

7- Área Verbal – Escrita:

- Coerência do título e texto com desenho? Sim
- Estruturas dom pensamento compatíveis com idade? Sim
- Características dos personagens; Pequenos.
- Estrutura do texto (coerência, coesão, pontuação, etc); O aluno não sabe escrever.
- Ortografia. Não escreve convencional

ANEXO 5

4.5 Provas Pedagógicas

4.5.1- LÍNGUA PORTUGUESA

DITADO

Realização da Prova

Realizar a prova com textos acessíveis ao nível escolar da criança, ditando pausadamente. Depois, pontuar os erros seguindo a ficha abaixo.

FICHAS DAS OBSERVAÇÕES SOBRE O DITADO			
Nome do			
Aluno: <u>Ri</u>			
Idade: <u>07</u> Classe: <u>2ºano</u>			
Data: <u>02/06/2010</u>			
1. Características da escrita			
1.1 Escrita incompreensível e	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
1.2 Velocidade na escrita	<input type="checkbox"/> Média	<input type="checkbox"/> Muito rápida	<input checked="" type="checkbox"/> Muito lenta
1.3 Má orientação espacial no papel	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
1.4 Escrita em espelho	<input type="checkbox"/> Sim		
1.5 Pressão do lápis no papel	<input checked="" type="checkbox"/> Muito forte, com tônus muscular aumentado	<input type="checkbox"/> Muito fraca, com tônus muscular rebaixado	<input type="checkbox"/> Média
2. Erros de pontuação e acentuação			
2.1 Falta de sinais de pontuação e acentuação de	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
2.2 Troca de letras ou sílabas	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
2.3 Inversão de letras	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
2.4 Omissão de letras ou sílabas	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
2.5 Aglutinação	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
2.6 Repetição de palavras ou sílabas	<input type="checkbox"/> Sim	<input checked="" type="checkbox"/> Não	
2.7 Substituição de palavras por outras	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
2.8 Acréscimo de letras e sílabas	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
2.9 Confusão de letras de formas parecidas	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	

LEITURA SILENCIOSA

Na leitura silenciosa:

<u>NA LEITURA SILENCIOSA</u>	SIM	NÃO	ÀS VEZES
Perde a linha durante a leitura?	X		
Repete frase		X	
Demonstra lentidão ao ler?	X		
Sua leitura é acompanhada de dispersão?	X		

Na leitura oral:

<u>NA LEITURA ORAL</u>	SIM	NÃO	ÀS VEZES
É possível perceber a vinculação do sujeito com o objeto de conhecimento?		X	
Identifica o que pode ser lido?		X	
Diferencia letras e números?	X		
Identifica todas as letras do Alfabeto?		X	
Apresenta uma leitura convencional?		X	
Quais tipos de letras consegue ler?			
Tenta decodificar?	X		
Faz relação fonema x grafema (consciência fonológica)		X	
Sua oralidade condiz com o que está escrito?		X	
Faz troca de letras? (bola – bolo)	NÃO LER		
Comete reversões? (b – d / p – q / bebo – dedo)	NÃO LER		
Apresenta inversões? (u – n / p – b)	NÃO LER		
Troca consoantes surdas por sonoras? (F-V / P-B/ Ch-J / T-D / S-z / C-G).	NÃO LER		
Lê omitindo e/ou incluindo frases, palavras silabas, letras?	NÃO LER		

Perde a linha durante a leitura?	NÃO LER		
Repete frases?	NÃO LER		
Demonstra fluência ao ler?	NÃO LER		
Sua leitura é acompanhada de dispersão?	NÃO LER		
Apresenta entonação?	NÃO LER		
Respeita pontuação?	NÃO LER		
É necessária uma avaliação fonoaudiológica?	X		

Na compreensão da leitura

<u>NA COMPREENSÃO DA LEITURA</u>	SIM	NÃO	ÁS VEZES
Aprendeu o sentido global do que foi lido?	X		
Compreendeu o vocabulário presente no texto?			X
É capaz de sintetizar o texto lido? (Ex. desafiar o paciente a dizer em uma frase apenas, de que se trata o texto lido)		X	
Captou a seqüência temporal?		X	
Consegue estabelecer hierarquias, separando fatos principais e secundários?		X	
Estabelece relações de causalidade?		X	
Percebe a função social da leitura?		X	

Observações:

OBSERVAÇÕES NA LINGUAGEM ORAL

<u>LINGUAGEM ORAL</u>	SIM	NÃO	ÁS VEZES
Utiliza a linguagem oral para comunicar e expressar desejos, necessidades,	X		

opiniões, idéias, preferências e sentimentos?			
Relata suas vivências nas diversas situações de interação presente no cotidiano?	X		
Elabora perguntas e respostas coerentes com a temática do momento?			X
Elaboração da fala é compreensível?			X
Apresenta linearidade/coerência naquilo que está falando?			X
Narra fatos obedecendo seqüência temporal e causal?			X
Apresenta um vocabulário rico ou restrito?		X	
Apresenta tartamudez? (gagueira)		X	
Qual é a entonação da voz?	Boa		
Como é a velocidade de sua fala?			X
Já instaurou todos os sons na fala?		X	
Apresenta trocas na fala?		X	
Apresenta omissões na fala?		X	
É necessária uma avaliação fonoaudiológica?		X	

Observações:

OBSERVAÇÕES NA ESCRITA

NA ESCRITA	CONSIDERAÇÕES
É possível perceber a vinculação do sujeito com o objeto de conhecimento?	Com pouca clareza
Como é sua aproximação com o material de escrita?	Não sabe escrever.
Percepção da função social da escrita.	Não
Diferenciação entre letras e números.	Sim
Identificação das letras do alfabeto.	Não conhece todas as letras
Relação fonema x grafema.	Não tem conhecimento

Espontaneidade na solicitação da escrita.	Não apresenta espontaneidade na escrita
Noção da direção convencional da escrita.	Só conhece algumas letras.
Aspecto caligráfico.	Letras grandes.
Identificação do nível de escrita em que se encontra.	Pré silábico, pois só faz garatujas
Confusão de letras (bola – bolo).	Não conhece as sílabas
Reversões (b – d/ p – q/ bebo – dedo).	Não conhece as sílabas
Inversões (u – n/ p – b).	Não conhece as sílabas
Trocas de consoantes surdas por sonoras (F-V/ P-B/ CH-J/ T-D/ S-Z/ C-G).	Não troca, pois não escreve nada
Escrita com omissão e/ou inclusão de frases, palavras, sílabas, letras.	Não sabe escrever.
Sua hipótese de escrita é coerente com seu relato?	Não.
Postura corporal.	Boa.
Modo de segurar o lápis.	Normal como os demais.
Onde se concentra os pontos de tensão e relaxamento durante a escrita.	Coloca os pés na cadeira apoiando –se sobre a mesa.
Concentração e atenção.	Não se concentra
Noção de realidade e fantasia.	Não apresenta noção
Fluência e criatividade.	Não apresenta
Temática.	Não apresenta
Estrutura convencional do texto.	Não consegue
Estrutura lógica do texto: começo, meio e fim.	Não possui.
Causalidade entre os fatos.	Não tem noção
Estrutura espaço-temporal.	Não obedece.
Aspecto ortográfico.	Escrita forte.
Utilização de pontuação.	Não obedece.

Observações:

AVALIAÇÃO DA VERBALIZAÇÃO

Observar se na linguagem espontânea a criança:

1. Atém-se a detalhes	Sim ()	Não (X)
2. Possui um bom vocabulário	Sim ()	Não (X)
3. Expressa seu pensamento em seqüência, com estruturação das frases (seqüência lógica)	Sim ()	Não (X)
4. Realiza troca de letras	Sim (X)	Não ()
5. Apresenta muita inibição ao falar.	Sim (X)	Não ()
6. Possui facilidade de comunicação	Sim ()	Não (X)
7. Fala em um tom muito baixo	Sim ()	Não (X)
8. Possui segurança a expressar suas idéias	Sim (X)	Não ()
9. Obedece à pontuação e ao ritmo das palavras	Sim ()	Não (X)
10. Expressa-se de maneira confusa	Sim (X)	Não ()
11. Conta histórias com começo, meio e fim (com orientação temporal)	Sim ()	Não (X)
12. Fala num ritmo muito rápido, muito lento ou muito modulado	Sim (X)	Não ()
13. Responde ao que foi perguntado com poucas palavras, contando muitas histórias, ou responde de maneira incorreta.	Sim (X)	Não ()

Observações:

4.5.2 PROVAS PEDAGÓGICAS MATEMÁTICA

FICHAS SOBRE AS OBSERVAÇÕES SOBRE A PROVA DE MATEMÁTICA

Nome: Ri

Idade: 07 Classe: 2º ano Data: _____

1. Grafismo matemático. Em que operações se deve armar e alinhar as contas, observar se a criança:

1.1 () Obedece às colunas de dezena, centena e milhar

1.2 () Obedece à direção espacial da direita para a esquerda (quando vai realizar alguma operação matemática)

1.3 (x) Inverte os números (números em espelho).

2. Ao ler o enunciado do problema, verificar:

2.1 (X) Se tem dificuldade em ler e entende o que lê

2.2 () Se possui o raciocínio lógico matemático necessário

3. Verificar se tem boa noção espacial e temporal nas seguintes operações:

3.1 (X) Correspondência de termo a termo

3.2 () Determinação do valor posicional do número

3.3 () Noção de espaço nos conjuntos matemáticos

3.4 () Percepção dos comprimentos e das formas

3.5 (X) Geometria

3.6 () Aspecto ordinal e cardinal do número (sabe que o número vem antes ou depois do outro)

Outros tipos de erros:

ANEXO 6

4.6 Entrevistas com a Professora

QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR

Identificação:

Nome do aluno: Ri

Idade: 7 anos Data de nascimento:

Escola:

Ano Escolar: 2º

Nome do(a) professor(a): Abadia

Telefone para contato:

Data: 07/07/2010

1. O aluno vai bem à escola? Não.
2. É irrequieto na escola? Não.
Em que circunstância? Todas.
3. Como se comporta em brigas? Agride ou chora? Agride.
Outros: XXXXXXXXXXXXXXXX
4. Como reage quando contrariado? Fica nervoso.
5. Precisa de ajuda para fazer alguma coisa? Sim
Para fazer o quê? As atividades escolares, amarra o tênis...
6. Tem dificuldades em organizar os cálculos? Si .
7. Apresenta dificuldades em leitura e escrita? Sim.
Quais? Tudo.
8. Como é a sua postura na carteira ao escrever? Fica deitado na carteira, e na maioria das vezes sobe cadeira.
9. Acalca muito o lápis? Sim.
10. Apresenta alguma dificuldade motora? Sim.

11. Na leitura oral apresenta:

- Leitura silábica: Não.
- Leitura vacilante: Sim.
- Leitura coerente e expressiva: Não.
- Boa compreensão do texto lido? Não.

12. Como é o aluno sob o ponto de vista emocional? Carente em todos os sentidos.

13. Em qual destas características a criança se encaixa mais?

- Agressiva ()
- Passiva (X)
- Dependente (X)
- Medrosa (X)
- Retraída ()
- Excitada (X)
- Calma ()
- Desligada ()
- Sem limites (X)

14. Tem alguma outra dificuldade em classe? Sim.

Qual? Socialização com os colegas, menores do que ele. E indisciplina

15. Comparada com as outras crianças, parece:

- Mais infantil (X)
- Na média ()
- Mais amadurecido ()

Por quê? Comporta-se como se fosse bebê.

Outras observações que julgar conveniente: tem dificuldade na dicção, baba muito e é desorganizados.

ANEXO 7

4.7 Observação do Material Escolar

OBSERVAÇÃO DO MATERIAL ESCOLAR

- Qual é o vínculo do sujeito com o seu instrumento de conhecimento?

Comente:

Tem um bom vínculo, só não procura usá-los corretamente

- Há um método de ensino claro? Especifique:

Sim tradicional, mecânico.

- O conteúdo abordado está associado às construções de estruturas de pensamento necessárias no contexto atual? Especifique:

Não, o conteúdo é mecânico

- O sujeito apresenta nível de pensamento adequado ao ano escolar/faixa etária?

Sim

- Demonstra compreender o que é solicitado pela professora?

Sim , com lentidão

- Qual é o tipo de atividade predominante?

Atividades variadas

- Todas as atividades são concluídas?

Não

- Houve progresso no desenvolvimento da escrita da criança?

Não

- Houve regressões? Pode se supor quando e por que ocorreram?

Não

- Como era a sua escrita no início do processo de aprendizagem e como é agora? (Do ponto de vista convencional e qualitativo)

Era a escrita grande e muito acalado e continua o mesmo

- O uso da borracha e/ou corretivo é excessivo?

Uso da borracha

- Como é a organização? (escreve na linha, pula linhas, invade margens, limpeza, ordem, espaçamento).

Invade as margens e linhas, pula linha, não é organizado, letra muito grande.

- Como é a pressão do tônus muscular?

Tem uma escrita rígida.

- Analisar o grafismo (letra que utiliza para escrever, tamanho da letra, oscilação, coordenação motora, traçados, escrita espelhada, etc.)

As vezes mistura cursiva com a impressa, letra grande com oscilação motor, traçados fortes.

- Observação das questões ortográficas (omissões, acréscimos, reversões, inversões, trocas, relação fonema/grafema, etc.).

Omissões de algumas letras, dificuldade no traçar de algumas letras.

- Há escritas autônomas no seu material? Quais observações são possíveis fazer?

Não

- Há cópias? Quais observações são possíveis fazer?

Sim. Cópia de que.

- Faz auto-correção?

Não

- Como são as correções da professora nas atividades realizadas pelo aluno?

São feitas no final das tarefas.

- É possível compreender os critérios da professora?

Faz correção no final e no local do erro.

- As correções são feitas no local do “erro” ou ao final da atividade?

No local do erro.

- Assinala mais erros do que acertos?

Mais erros.

- Escreve bilhetes no caderno? Que tipo? Motivando ou reprimindo?

Sim, reprimindo.

- As anotações da professora auxiliam a criança?

Não.

- As correções são pontuais?

Às vezes.

- É possível perceber uma relação de dependências ou autonomia?

Só dependência.

Observações:

ANEXO 8

4.8 Hora do Jogo

FICHA DE OBSERVAÇÕES DA HORA DO JOGO

Nome: _____ Data 08/07/210

Prontuário: _____ Código/Área: _____

1- Fase do inventário:

1.1- Ação do aprendente com a “caixa do jogo” (sim ou não)

Sim	Demonstra curiosidade?
Sim	Tem iniciativa?
Sim	Criatividade, imaginação?
Sim	Demonstra prazer durante o jogo?
Não	Evita jogos, situações que remetem – à situação de aprendizagem escolar?
Sim	Explora o conteúdo da caixa buscando possibilidades de ação?
Sim	Classifica os objetos?
Não	Pega os objetos aleatoriamente sem experimentação?

1.2- Esquema de ações que se repetem:

Quer repetir os jogos é já é conhecido.

1.3- Disponibilidade corporal (postura corporal: Rígida ou flexível?)

Flexível.

2- Organização:

Sim	Consegue fazer argumentações?
Sim	Faz antecipações?
Sim	Faz escolhas?
Não	Utiliza objetos na busca de uma construção de um projeto (história etc.)

3- Interpretação/Antecipação:

Sim	Capacidade de domínio no seu jogar?
Sim	Apresenta bom grau de tolerância frente a situações de frustração?
Sim	Mostra possibilidades de síntese cognitiva (ou seja coordena o objeto a um objetivo?)

4. Modalidade de Aprendizagem que apresenta?

Modalidade de assimilação.

ANEXO 9

4.9 Atividades Lúdicas

OBSERVAÇÃO E AVALIAÇÃO DE ATIVIDADES LÚDICAS

Nome: _____

Psicopedagogo: _____ Data: _____

Quanto ao material e a brincadeira:

- 1- Se escolhe material que repetem a situação escolar, sem criatividade.
- 2- Selecionar material figurativo e fazer guerra, fazendas, lojas, etc.
- 3- Buscar tinta, massa plástica, pinos e blocos e tentar criar alguma coisa.
- 4- Escolher material de sucata e transformá-lo imaginando alguma coisa.

Observações: